

ME CHAMO BARRO

Me chamo barro embora Miguel me chame.
Barro é minha profissão e meu destino
que mancha com sua língua o quanto lambe.

Sou um triste instrumento do caminho.
Sou uma língua docemente infame
aos pés que idolatro despregada.

Como um noturno boi de água e barbeito
que quer ser criatura idolatrada,
avanço em teus sapatos e nos seus arredores,
e feito de alfombras e de beijos feito
teu calcanhar eu beijo e semeio de flores.

Coloco relicários de mim mesmo
frente a teu calcanhar, tua pisada,
e sempre à tua pisada eu me adianto
para que teu impassível pé despreze
todo o amor que rumo a teu pé levanto.

Mais molhado que o rosto do meu pranto,
quando o vidro lanar do gelo chora
quando o inverno tua janela fecha
sob teus pés um gavião alado
de asa manchada e coração de terra.

Sob teus pés um ramo derretido
de humilde mel pisoteado e só,
um desprezado coração caído
em forma de alga e em figura de onda.

Barro em vão eu me invisto de papoula,
barro em vão eu vertendo vou meus braços,
barro em vão eu te mordo os calcanhares,
dando-te em malferido golpe alado
sapos como convulsos corações.

Apenas se me pisas, se me pões
a imagem de teu rastro para o alto
se despedaça e rompe a armadura
de arrobe bipartido que me constringe a boca
em carne viva e pura,
pedindo dividida que a oprima
sempre teu pé de lebre livre e louca.

Sua nata taciturna em racimos,
os soluços agitam sua alameda
de uma lâ cerebral sob o teu passo.
E passas e ficas
incendiando a cera de inverno ante o ocaso,
mártir, adorno e pasto de uma roda.

Farto de se curvar ante os punhais
circulantes do carro e de seus cascos
teme do barro um parto de animais
de corrosiva pele e unha vingativa.

Teme que o barro cresça em um momento,
teme que cresça e suba e cubra terna,
terna e zelosamente
tornozelo de junco, meu tormento
teme que inunde o nardo de tua perna
e cresça mais e ascenda até tua frente.

Teme que se levante em furacão
do brando território desse inverno
e estale trovejando num dilúvio
sobre teu sangue duramente terno.

Teme um assalto de ofendida espuma
e teme um amoroso cataclismo.

Antes que a seca chegue e o consuma
o barro há de tornar-te ele mesmo.

ELEGIA

*(Em Oribuela, cidade sua e minha,
morreu como por um raio Ramón Sijé, a quem tanto queria.)*

Eu quero ser chorando o hortelão
da terra em que já deitas como estrume,
companheiro da alma, temporão.

Alimentando chuvas, caracóis
e órgãos minha dor sem instrumento,
para esse desalento de papoulas

darei teu coração por alimento.
Tanta dor se reúne em minhas costas
que de doer me dói até o alento.

Um golpe frio, a dura bofetada,
um machado invisível e homicida
um empurrão brutal te fez prostrado.

Não há lugar maior que esta ferida,
eu choro a desventura e seus conjuntos
tua morte eu sinto mais que minha vida.

Ando sobre restolhos de defuntos
e sem calor de nada e sem consolo

vou de meu coração a meus assuntos.
Tão cedo a morte levantou as asas
tão cedo madrugou a madrugada,
tão cedo estás rodando pela estrada.

Não perdoo essa morte enamorada,
não perdoo essa vida desatenta,
eu não perdoo à terra nem a nada.

Em minhas mãos levanto uma tormenta
de pedras, raios e achas estridentes
faminta de catástrofes, sedenta.

Quero escavar a terra com meus dentes,
quero fender a terra parte a parte
a mordeduras secas candentes.

Quero minar a terra até encontrar-te
e beijar tua digna caveira
te desamordaçar e regressar-te.

Voltarás a meu horto e a esta figueira:
pelos altos andaimes destas flores
voará tua alma colmeieira

de cera angelical e de labores.
Voltarás para o cântico das relhas
dos mais enamorados lavradores.

Livrarás meu olhar dessa tristeza
e teu sangue se irá por cada lado
disputando tua noiva e as abelhas.

Teu coração, veludo maltratado,
chama ao campo de amêndoas espumosas
minha sedenta voz de enamorado.

Para as almas aladas destas rosas
da amendoeira branca te requeiro,
pois temos que falar de muitas coisas,
companheiro da alma, companheiro.

de doar-se à canção e aos solstícios
até calar-se de repente feita em pedaços,
beijos de pura cepa, braços que compreenderam
seu destino de anel, de pulseira: abraçar.

Logo te calas, passas com teu gesto de fundeiro
que libertou a pedra e a deixou
coalhada em um luzeiro convincente;
e vindimando inconsoláveis chuvas,
procurando alegria e equilíbrio,
te confias à aurora e às esquinas
onde descreves letras e serpentes
com tua palma de ferrugem interminável,
arrancas as raízes que te nascem
em tudo o que tu toca e contemplas
e saís em uma terra sob a qual existem
jazidas de chifres, toureiros e tricórnios.

ME SOBRA O CORAÇÃO

Hoje estou sem saber eu não sei como,
hoje estou para penas e somente,
hoje não tenho amizade,
hoje só tenho ânsias
de arrancar com raiz o coração
e pô-lo bem debaixo de um sapato.

Hoje renasce aquela espinha seca
hoje é dia de prantos no meu reino,
hoje desce em meu peito o desalento
chumbo desalentado.

Não posso com minha estrela.
E vou buscando a morte pela mão
mirando com carinho as navalhas,
e recordo o machado companheiro,
e penso nos mais altos campanários
para um salto mortal serenamente.

Se não fora por que? Não sei porque,
meu coração escreveria uma carta póstuma,
uma carta que ali levo metida,
faria um tinteiro do meu coração,
uma fonte de sílabas, de adeuses e regalos,

e fica-te aí, eu diria ao mundo.
 Eu nasci em má lua.
 Tenho pena de uma única pena
 que vale mais do que toda alegria.

Um amor me deixou com os braços caídos
 e não posso estendê-los mais além.
 Não vês minha boca desenganada
 meus olhos inconformes?

Quanto mais me contemplo mais me aflijo:
 cortarei esta dor com que tesouras?

Ontem, amanhã, hoje
 padecendo por tudo
 meu coração, aquário melancólico
 penal de moribundos rouxinóis.

Me sobra coração.

Hoje, devo aplacá-lo
 eu, o mais coraçonado entre os homens
 e pelo mais, também o mais amargo.

Não sei por que, não sei porque nem como
 eu me perdo a vida cada dia.

VENTOS DO POVO ME LEVAM

Ventos do povo me levam,
 ventos do povo me arrastam,
 espargem meu coração
 refrescam minha garganta.

Os bois curvam sua frente,
 impotentemente mansa,
 quando em frente dos castigos:
 mas os leões as levantam
 e ao mesmo tempo castigam
 com sua estrondosa garra.

Não sou de um povo de bois,
 eu sou de um povo que embargam
 os jazidos dos leões,
 desfiladeiros de águias
 cordilheiras de touros
 com o orgulho da hástea.
 Nunca medraram os bois
 pelos páramos da Espanha.

Quem falou de botar canga
 no pescoço desta raça?
 Quem pôs sobre o furacão
 jamais nem cangas nem travas,
 e quem ao raio deteve

CANÇÃO DO ESPOSO SOLDADO

Eu povoei teu ventre de amor e sementeira,
prolonguei esse eco de sangue a que respondo
e espero sobre o sulco como um arado espera:
cheguei até o fundo.

Morena de altas torres, alta luz e de olhos altos
mulher de minha pele, trago de minha vida,
teus peitos loucos crescem até mim dando saltos
de corça concebida.

Já me parece que és um cristal delicado,
temo que tu te rompas ao mais leve tropeço,
e a reforçar tuas veias meu corpo de soldado
fora uma cerejeira.

Espelho desta carne, sustento destas asas,
te dou vida na morte que me dão e não tomo.
Mulher, mulher, te quero cercado pelas balas
querido pelo chumbo.

Por sobre os ataúdes ferozes à espreita,
por sobre os mesmos mortos sem remédio nem fossa
te quero, e te quisera beijar com todo o peito
até no pó, esposa.

E quando junto aos campos de combate em ti penso
sem nunca se aplacar em mim tua figura,
então tu te aproximas como uma boca imensa
de voraz dentadura.

Escreve-me na luta, sente-me na trincheira:
aqui com o fuzil teu nome evoco e fixo,
e defendo teu ventre de pobre que me espera,
e defendo teu filho.

Nascerá nosso filho com o punho cerrado,
envolto em um clamor de vitória e guitarras,
deixarei em tua porta minha vida de soldado
sem colmilhos nem garras.

É preciso matar, para seguir vivendo.
Um dia irei à sombra do teu cabelo longe.
Dormirei no lençol feito de amido e estrondo
cosido por tua mão.

Tuas pernas implacáveis vão ao parto direitas,
tua implacável boca de lábios indomáveis,
em minha solidão de explosões e de brechas
percorres um caminho de beijos implacáveis.

Para o filho será a paz que estou forjando.
Ao fim de um oceano de irremediáveis ossos,
teu coração e o meu naufragarão, ficando
uma mulher e um homem devorados por beijos.

TRADUZIDOS POR

JUAN PABLO MARTÍN

